



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

TRAJETOS QUE CEIFAM VIDAS: O ESCANCARAMENTO DO RACISMO À EMPREGADA DOMÉSTICA NO CONTO *MARIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

PATHS THAT INTERRUPT LIVES: THE EXPOSED RACISM TOWARDS THE DOMESTIC WORKER IN THE SHORT STORY MARIA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Rian Lucas da Silva (Unicamp)¹

Resumo: Escritores contemporâneos negros têm buscado, na tradição literária moderna, escrever narrativas cuja vivência e história de vida não sejam desconsideradas do processo de escrita, mas incorporadas a ela. À vista disso, os estudos de gênero e, de modo especial, a crítica literária feminista, têm buscado focalizar obras com temáticas que outrora foram rechaçadas e estigmatizadas. Dessa forma, ao tomar como ponto de partida o conto *Maria*, de Conceição Evaristo, a proposta deste ensaio é discutir as representações do trabalho e da trabalhadora doméstica a partir da trajetória da protagonista do conto. Para isso, são utilizadas reflexões teóricas de autores diversos, a exemplo de Davis (2016), Ávila (2009), Collins (2000), entre outros. Por fim, as análises mostram que a personagem pode representar justamente o retrato de tantas outras *Marias* espalhadas pelo mundo, que precisam lidar com trabalhos cansativos, beirando a relações escravistas, a fim de poder sustentar-se e oferecer o básico a seus filhos. Além disso, também foi possível perceber que o trabalho doméstico incide diretamente na questão do tempo (ou da ausência dele), o que faz com que a personagem disponibilize mais tempo à vida familiar do *outro* do que à *sua*. Ainda, soma-se a isso o trajeto realizado a ônibus pela empregada, o qual poderia servir como um momento de descanso, não cumpre tal função mediante a violência racista e os discursos de ódio endereçados à personagem. Logo, a *escrevivência* evaristiana põe em cena a fria e cruel realidade a que a população feminina negra está costumeiramente submetida.

Palavras-chave: Trabalho doméstico. Trajeto. Mulher negra. Literatura brasileira. Conceição Evaristo.

Abstract: In the modern literary tradition, contemporary black writers have sought to write narratives whose experience and life history are not disregarded from the writing process, but incorporated into it. In light of this, gender studies and, in particular, feminist literary criticism, have sought to focus on works with themes that were once rejected and stigmatized. Thus, taking Conceição Evaristo's short story *Maria* as a starting point, the purpose of this essay is to discuss the representations of work and domestic workers based on the story's protagonist. To this end, theoretical reflections from various authors are used, such as Davis (2016), Ávila (2009), Collins (2000), among others. In the end, the analysis shows that the character can represent the portrait of so many other Marias around the world, who have to deal with tiring work, bordering on

¹ Graduado em Letras-português (IFPB). Mestrando em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP).



slavery, in order to be able to support themselves and provide the basics for their children. In addition, it was also possible to see that domestic work has a direct impact on the issue of time (or the lack of it), which means that the character spends more time on other people's family life than on her own. In addition, the bus ride taken by the maid, which could serve as a moment of rest, does not fulfill this function due to the racist violence and hate speech directed at the character. Thus, Evaristiana's writing brings to light the cold and cruel reality to which the black female population is usually subjected.

Keywords: Domestic work. Path. Black woman. Brazilian literature. Conceição Evaristo.

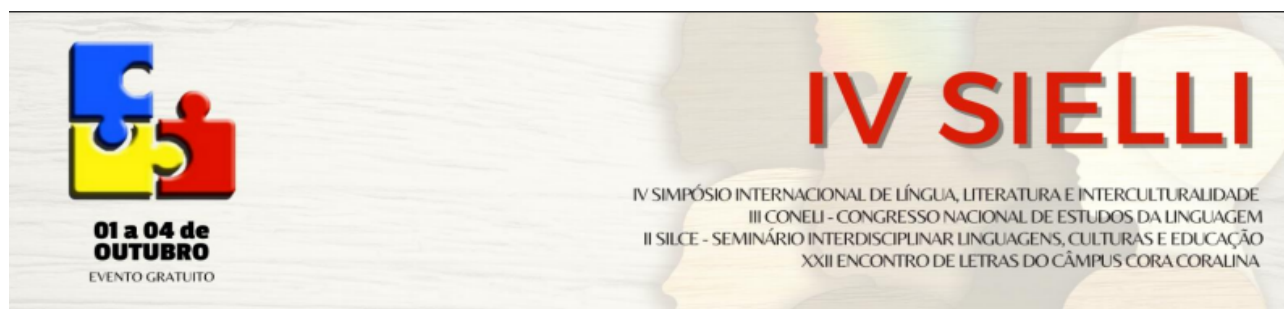
CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Até quando suportar?
Sustentar essa grande mentira
Pois é, a verdade é indigesta
Quem sustenta essa festa é o suor da tua testa”.
(*El Efecto*)²

Por um longo tempo, a tradição literária restringiu-se à pena de escritores homens brancos, que acreditavam ser próprio deles a capacidade e, sobretudo, o direito à escrita. Com o decorrer do tempo e de todas as (trans)formações ocorridas em termos de conquista de direitos, a exemplo da população feminina e negra, tais impasses foram se desfazendo, embora se reconheça, aqui, que ainda exista muito caminho a ser trilhado. Nesse viés, considero pertinente a reflexão feita pelo sociólogo Guerreiro Ramos (1995), que elucida a existência de dois polos destoantes a respeito de como o negro fora representado no campo intelectual e literário: de um lado, existe o *tema do negro* e, de outro, *há a vida do negro*. Em outros dizeres, ele explica:

Como tema, o negro tem sido, entre nós, objetos de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida (Ramos, 1995, p. 215).

² EL EFECTO. O Drama da Humana Manada. Intérprete, Composições, arranjos, pesquisas e roubos: El Efecto. *In*: Memórias do Fogo. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EU2vNzdmFPM&feature=emb_title. Acesso em: 15 jun. 2024.



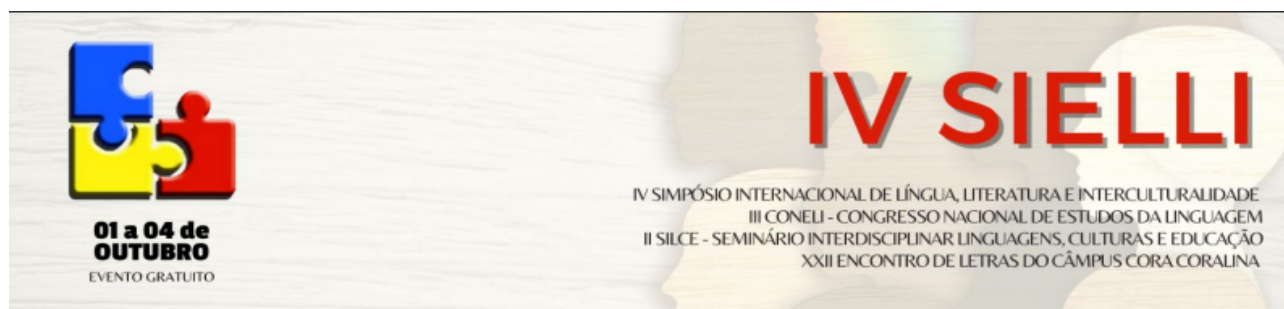
Nessa relação entre o negro enquanto *tema* e enquanto *vida*, é possível notar, no contexto literário brasileiro, que escritores negros já têm tratado de revelar suas dores, angústias e lutas em suas obras literárias, a exemplo de Maria da Conceição Evaristo de Brito.

De origem humilde e filha de empregada doméstica, Conceição Evaristo graduou-se em Letras pela UFRJ e trabalhou como docente na capital fluminense. Estreou na literatura em 1990, por meio da publicação de contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Em seguida, lançou diversas obras, que incluem romances e contos, este último gênero, inclusive, rendeu-lhe o Prêmio Jabuti, em 2015, com a coletânea de textos curtos intitulada *Olhos D'Água*. Agora, reconhecida tanto nacionalmente quanto internacionalmente, suas obras tratam de temas que incluem gênero e raça, com temáticas voltadas aos diversos dilemas enfrentados, sobretudo pela identidade feminina negra no país.

A respeito de suas vastas produções, Constância Lima Duarte, professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, explica que:

Em suas produções, Conceição constrói uma perspectiva que se fortalece no protagonismo feminino, pois é do seu ponto de vista que as histórias são contadas. Se, geralmente, nos textos assinados por mulheres costuma predominar a busca de identidade nas personagens, Evaristo trabalha incessantemente questões relacionadas ao “ser mulher” e ao “estar no mundo”, fortalecendo o sentimento de irmandade entre elas, com a peculiaridade de deixar marcado o seu lugar de fala enquanto negra, feminista, oriunda das classes populares (Duarte, 2020, p. 136).

Eduardo de Assis Duarte, professor de teoria literária e literatura comparada da UFMG, também compartilha desse pensamento ao ressaltar que os textos evaristianos se destacam por expressar um território feminino de onde eclodem um olhar do outro e uma discursividade específica. Nesse sentido, a voz evaristiana nos textos literários se baseia numa escrita marcada, muita das vezes, na própria vivência cotidiana. Daí, pois, a noção de ‘*escrevivência*’, utilizada pela própria Conceição Evaristo em muitos dos seus textos e entrevistas. Inicialmente, acredito que essa ideia parte do entendimento de que não se pode desvencilhar, tampouco separar o ato inventivo da escrita acompanhado das vivências daquele que pratica a ação de escrever, sobretudo se considerarmos que todos e quaisquer sujeitos escrevem, sempre, dentro de determinado momento e período histórico determinado. Dessa forma, essa relação entre escrita e vivência é pensada a partir



do vocábulo *escrevivência*, que pode ser melhor compreendido mediante depoimento da própria autora:

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (Evaristo, 2009, p. 18).

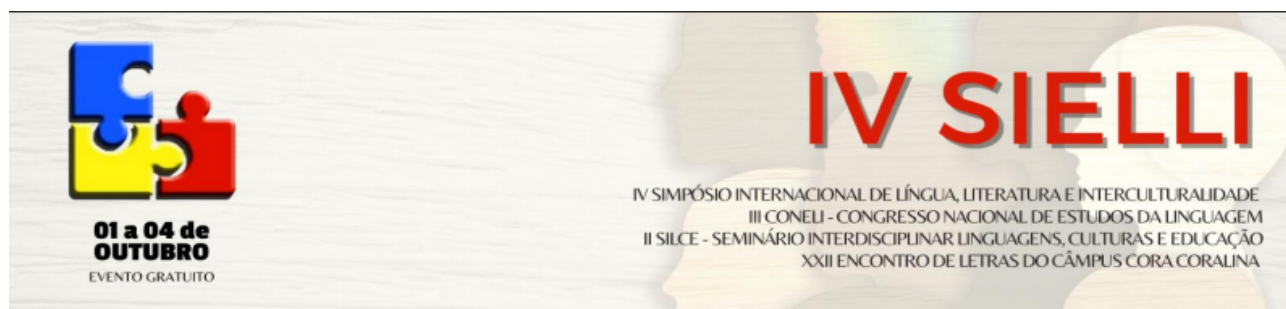
A *escrevivência* de Conceição Evaristo, portanto, compartilha os sentimentos, as dores, os afetos, as alegrias, os gritos e os sussurros de uma multidão, funcionando, assim, como “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (Oliveira, 2009, p. 622). A partir desse breve panorama – e sem nos esquecermos de que sua escrita afunila os campos entre aquilo que é ficção e aquilo que é realidade – tomo o conto *Maria*, inserido na coletânea *Olhos D’Água*, para refletir sobre questões concernentes à trabalhadora doméstica, representada por uma personagem negra, e o seu trajeto realizado a ônibus após sair do seu trabalho.

O TRABALHO DOMÉSTICO E A AUSÊNCIA DE TEMPO EM FOCO: ANÁLISE DO CONTO MARIA

Narrado em terceira pessoa, usualmente por meio do discurso indireto livre, o leitor passa a conhecer a história de Maria. A descrição inicial é de uma mulher aparentemente comum, que espera o seu ônibus chegar para levá-la de volta à sua residência. Nesse momento, já é possível perceber, inclusive, a precária condição econômica da personagem, em que é informado que ela precisaria se acostumar com a caminhada a pé, haja vista que o preço da passagem aumentava muito.

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada (Evaristo, 2016, p. 39).

Essa descrição do cenário e da personagem, no entanto, é interrompida, quando o narrador leva o leitor a conhecer alguns acontecimentos do dia anterior, momento em que será revelado o trabalho doméstico realizado pela mulher:



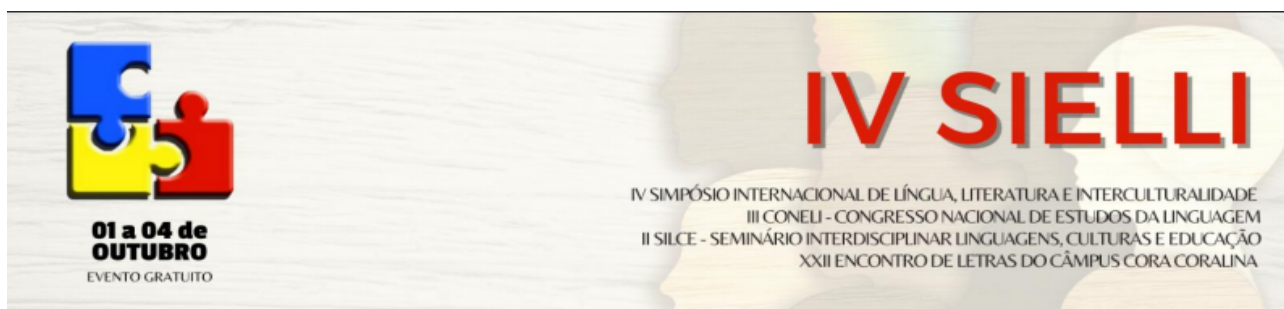
No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora (Evaristo, 2016, p. 39).

O trabalho doméstico, que é o realizado pela personagem, na visão de Souza (2013), é um dos mais antigos do país. Segundo ele, dos 467 anos de existência marcados por meio da violência, 343 desse total foram de trabalho escravo, dado que o fim parcial da escravidão (a partir da famigerada Lei Áurea) obrigou sujeitos negros a trabalharem por horas extremas a troco de comida e/ou uns trocados (Souza, 2013). Herança negativa de trabalho escravo, a personagem se encontra no mesmo panorama: é Maria a responsável, certamente, por gerir a festa na casa de sua patroa, por preparar a comida, por trabalhar, enfim, incansavelmente para que, de fato, a festa ocorra. Apesar disso, resta-lhe, ao final da festividade, levar para sua casa aquilo que sobrou: representado no conto por intermédio dos restos de comida – osso e frutas que serviam, naquele momento, apenas como decoração para o cenário.

Em *Mulheres, raça e classe*, Davis (2016) explicita que a postura dos senhores em relação às suas escravas se dava pela *conveniência*: eram concebidas como desprovidas de gênero quando era lucrativo explorá-las para o trabalho, como se fossem homens, mas reduzidas à condição de fêmea quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas sexualmente, haja vista que “o sistema da escravatura definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos que os homens, como unidades de trabalho lucrativas” (Davis, 2016, p. 17).

São perceptíveis, pois, os traços medonhos de uma desigualdade social extrema. Se, na casa da patroa, a comida era utilizada como um simples acessório decorativo, para Maria, por sua vez, significava a capacidade de sustentar não apenas a si mesma como a seus filhos menores que ficaram em casa. Além disso, o osso – que é geralmente descartado como lixo pela patroa – é levado pela personagem, que certamente encontraria um modo de utilizá-lo, também, como parte de sua alimentação.

Vista, então, como uma unidade lucrativa, Maria perde seu status enquanto sujeito para ser (a)percebida como uma simples mercadoria. Assim, a exploração à Maria é lucrativa para a patroa, que certamente almeja realizar uma grande festa. Contudo, não é lucrativo para a senhora preocupar-se com questões que migram para fora de sua residência. Aqui, a empregada até participa



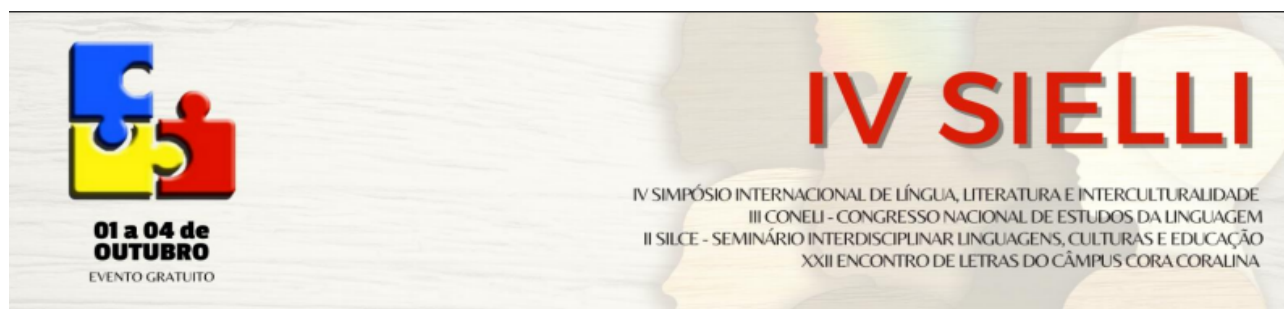
indiretamente da casa de sua senhora, mas não lhe compete o direito de comer, de beber e, possivelmente, de sentir-se parte dela.

Ainda que esse caráter exploratório da patroa seja esboçado a partir de interpretações possíveis baseadas no próprio texto literário, o narrador descreve Maria como uma mulher que estava feliz, embora o cansaço estivesse presente. Isso porque a personagem pensava, inicialmente, nos filhos, os quais poderiam se alimentar com os trocados ganhos e com a sobra de comida que ela levaria para casa, conforme se nota no excerto a seguir:

Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (Evaristo, 2016, p. 39-40).

O trabalho – se assim pode ser chamado o serviço que Maria presta à patroa – não garante o direito ao básico de que sujeitos precisam para sobreviver: alimentação. O questionamento feito no trecho acima subentende-se que seus filhos nunca experimentaram um melão, o que contrasta com a realidade experienciada na casa da patroa, em que tal fruta servia como figura supérflua apenas. A respeito disso, Graham (1992, p. 19) destaca que o meio no qual as criadas trabalhavam e costumeiramente viviam sob condições semelhantes, pouco havia com que diferenciar as mulheres tidas como livres daquelas tidas como escravas, uma vez que, para ela, “qualquer criada poderá ser submetida por longo período a trabalho exaustivo, alojamentos úmidos, dieta inadequada ou doenças que caracterizavam comumente a vida do trabalhador pobre”.

Dessa forma, embora legalmente livre em termos de legislação, sobre Maria recai o peso de uma submissão de um trabalho que a desmoraliza e a reprime enquanto cidadã digna de direitos assim como sua patroa. Não à toa, a empregada doméstica chega até mesmo a se ferir durante a festa: “A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!” (Evaristo, 2016, p. 40). Logo, o corte sofrido na mão é concebido apenas como fruto de um trabalho que, afinal, deveria ser feito. Em outras palavras, para que os participantes da festa pudessem divertir-se e comer livremente, tal corte



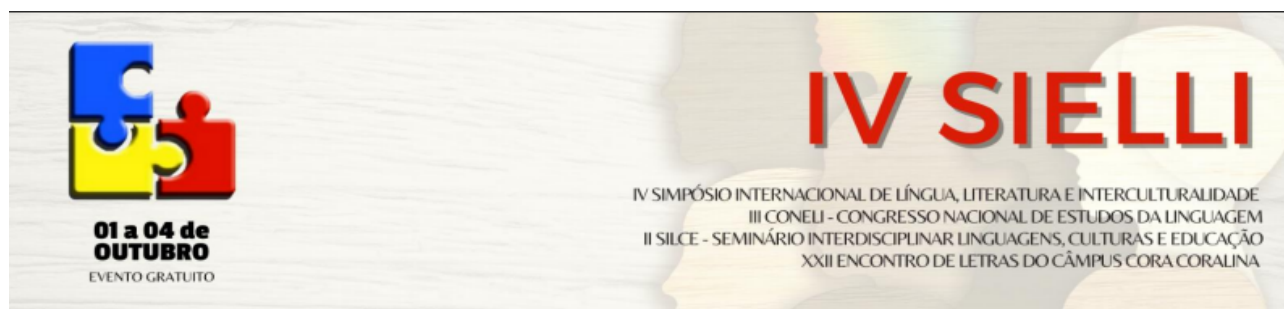
foi mais que necessário, pois importa mais a vida do outro que o da própria mulher que sustenta a manutenção da festividade.

Essa cruel realidade da personagem nos permite associá-la aos versos contidos na epígrafe de abertura deste texto, presentes na música *O Drama da Humana Manada*, da banda de rock brasileira *El Efecto*. É o suor da testa de Maria, mediante trabalho e, conseqüentemente, seu esforço e cansaço contínuos, quem produz e sustenta a festa da elite. Maria é, enquanto trabalhadora doméstica, a base que mantém o funcionamento da condição de privilégio de uma parcela branca acostumada a ser alimentada a caviar e a champagnes.

Dessa forma, sendo paga com restos de comida e com gorjetas ínfimas, ela destina o irrisório tempo de que dispõe à família para a qual trabalha, haja vista que isso garantirá não apenas a sua sobrevivência como a de sua prole também. A respeito dessa questão do tempo gasto, ou melhor, à ausência dele, não é nenhuma novidade que trabalhadoras domésticas tenham de lidar de formas distintas com o pouco tempo que lhes resta quando deixam as casas de seus patrões para cuidarem, depois, da própria casa e dos filhos, quando é o caso.

Castro (1993) argumenta que as longas jornadas de trabalho são realidades comuns que acompanham o desenvolvimento do emprego doméstico não apenas no Brasil como também em outros países da América Latina. Em pesquisa realizada na década de setenta, só para citar um exemplo, ele constatou que muitas residentes em locais de trabalho ultrapassavam uma jornada superior a 56 horas por semana. De modo análogo, a narrativa ilustra que o tempo destinado a cuidar de si própria e dos filhos de Maria é deixado em segundo plano, porque em primeiro viria o principal: o tratamento dado à casa da patroa. Isso se revela, no conto, quando a personagem se recorda de que deve comprar um xarope e um remédio para o nariz do filho.

Quanto tempo Maria teria para disponibilizar para si própria e para sua família? A resposta é clara: o tempo que sobra, pois a grande parte já era gasta com a outra família da qual participava – embora indiretamente, é válido frisar. Tal fato é refletido por Matos (1994), que afirma não existir, entre as domésticas, controle do próprio tempo, uma vez que ele se encontra determinado pela patroa.



Ademais, Maria Betania de Melo Ávila, em sua tese *O tempo de trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência*, mostra que muitas empregadas domésticas expressam desconfortos com uso do tempo. Para algumas das mulheres entrevistadas pela pesquisadora, quase não existe, fora do emprego doméstico, possibilidade de se dedicar à vida dos próprios filhos, já que seu tempo é gasto limpando a casa dos outros e sendo ‘mãe’ dos filhos da patroa. Embora ficção, a narrativa evaristiana ilustra bem esse mecanismo de a empregada doméstica ter de praticamente abdicar da própria vida e dos *seus* em prol de uma família *outra*. Logo, é possível concluir que “o caráter da dominação/exploração se realiza na negação do outro/a como indivíduo” (Ávila, 2009, p. 36).

À Maria é negado o direito de ser tratada como cidadã detentora de direitos; sua empregabilidade enquanto doméstica é priorizada em detrimento de sua própria personalidade, de sua identidade e de sua família. Tudo isso para corresponder e sustentar a hierarquia que mantém os senhores brancos no poder e no topo da pirâmide de privilégios. Logo, jornadas extensivas de trabalho, quer remunerado ou não, representam um empecilho no que tange à participação política legal para as mulheres trabalhadoras submetidas a tais condições (Ávila, 2009). Face a isso, concordo com a defesa de Martins (2008), para quem informa que a carência/insuficiência de tempo é um componente basilar das condições de pobreza, o que se revela na vivência da protagonista analisada.

O tempo direcionado à família da patroa se torna tão excessivo que a tensão e o cansaço da doméstica não cessam nem mesmo quando a festa (ou seu trabalho) chegam ao fim. Ao revés disso, ela ainda precisa encarar a dura e fria realidade do mundo fora das paredes do seu local de trabalho. Se dentro da casa da patroa, ‘protegida’ por vários muros e paredes, sua realidade já seja difícil, existem ainda os percalços que a esperam fora do espaço doméstico: as ruas (aqui representado pelo trajeto de ônibus realizado pela personagem). Desse modo, tanto a espera no ponto de ônibus é cansativa, como também o trajeto, duradouro, é desgastante, o que contribui para destacar o trabalho doméstico enquanto processo que inviabiliza a existência dessas mulheres, as quais precisam dedicar-se quase inteiramente a ele:



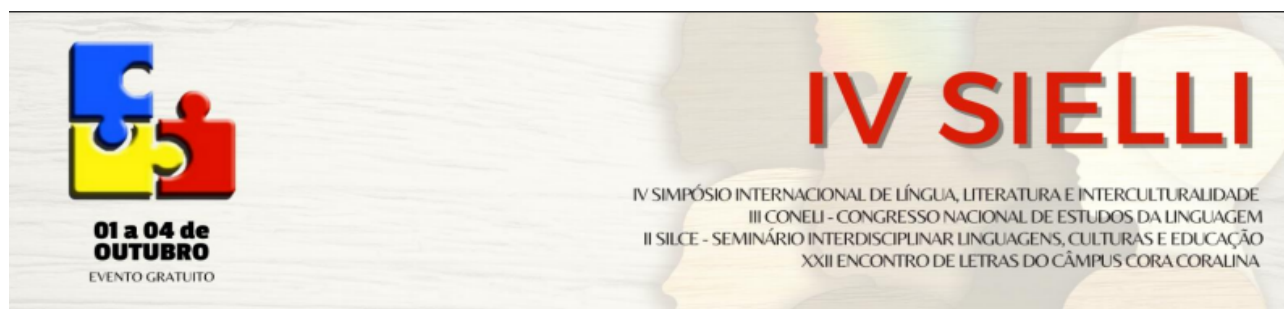
Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entra as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida (Evaristo, 2016, p. 40).

É possível perceber que, para a personagem, o ônibus surge como um *locus* no qual, em tese, permitir-lhe-ia repousar, uma vez que lhe daria a possibilidade de descanso, aqui representado pelo cochilo até que chegasse ao seu destino. Todavia, o trajeto realizado pela personagem não lhe garante, desta vez, um repouso, conforme era esperado. Em contrapartida, é nele que desembocam situações conflitantes que colocam à prova a vivência e existência dessa mulher negra. Grosso modo, com o propósito de traçar uma melhor análise desse trajeto, divido-o a partir de dois momentos: i) a mulher reconhece o seu ex-companheiro e pai de um de seus três filhos; ii) a mulher sofre perante mecanismos racistas que a excluem e a relegam enquanto indivíduo humano.

No primeiro momento do trajeto, ao entrar no ônibus, Maria se encontra com o pai de seu primeiro filho. A descrição feita pelo narrador é rápida, com a apresentação das falas das personagens. Nesse reencontro, o narrador descreve até mesmo as lembranças de Maria, revelando os momentos turbulentos pelos quais passaram, as dores e o infortúnio de não poderem ter ficado juntos por mais tempo.

Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (Evaristo, 2016, p. 40).

Rever esse homem, que foi importante na vida de Maria, fez com que ela revivesse episódios esporádicos que viveram juntos. É descrita a saudade que ela sente dele e sobre como a sua vida se tornou difícil com a sua ausência, talvez, para ampará-la e até mesmo contribuir com o papel de pai para seu filho. A vida de ambos, no que o narrador descreve como *barraco*, também



ilustra a condição difícil e precária na qual os dois estavam inseridos, mas que, apesar das circunstâncias, ele também afirma nas entrelinhas gostar e sentir falta de sua companheira – a julgar pelo uso da expressão *‘tá tudo aqui no buraco do peito’*.

Nesse primeiro momento do trajeto, percebe-se uma Maria mais reflexiva sobre os acontecimentos de sua vida. Aqui, o tempo de que dispõe, embora mínimo, é utilizado para refletir sobre sua vida e existência para além daquela vivenciada no espaço doméstico. Em outras palavras, é sabido que a vida da empregada doméstica não se restringe – ou não deveria, ao menos – restringir-se ao espaço do lar, como se sua identidade feminina fosse reduzida a isso. Para além disso, há um sujeito que lamenta, que ama, que sente saudades do *não vivido*. Também é nesse momento do trajeto que o leitor passa a conhecer melhor a personagem; é no ônibus que o narrador escava as memórias e lembranças dela, pois nesse lugar existe espaço (e tempo) para refletir sobre a vida e sua existência; ao passo que, em seu trabalho, ela é apenas uma empregada – não há tempo para reflexões, mas para ações, as quais, caso interrompidas, poderiam levar os patrões à fúria.

Embora essa cena no ônibus demonstre, logicamente, precariedade, ela também pode ser lida a partir de um momento catalizador e revelador de que a protagonista, para além de ser uma empregada doméstica, também tem um passado, uma história para contar, ou seja, sua identidade feminina transborda para além do espaço de trabalho. Não à toa, é nesse momento de encontro com seu ex-companheiro que ambos reconhecem suas fragilidades e humanidades. Tal encontro pode ser interpretado como um meio disparador dos ‘nascimentos’ e das vidas que os sujeitos produzem para além das dificuldades que atravessam suas experiências próprias. Logo, esse breve lampejo de humanidade, de historicidade (e de introspecção) exibem as vivências dessas pessoas que não se reduzem ao mercado de trabalho.

Em contrapartida, o segundo momento analisado no trajeto da personagem destoa profundamente do primeiro apresentado acima. De forma abrupta, o narrador direciona sua descrição a uma quebra de expectativa: o mesmo homem com quem Maria conversava há pouco tempo e de quem declarou sentir saudades é, agora, o responsável por assaltar os passageiros do ônibus.



**01 a 04 de
OUTUBRO**
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

[...] logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida (Evaristo, 2016, p. 41).

Novamente, retomo a ideia de que à empregada doméstica não cabe tempo necessário sequer para pensar em si mesma. No excerto, o que chama atenção é o medo sofrido pela empregada: sentimento esse não sentido por ela própria, mas pelos filhos de que dela necessitavam. Não era, pois, medo da morte, mas da vida dos seus filhos. É como se as trabalhadoras domésticas tivessem tempo sempre para o *outro*, nunca para *si*. Ela não é o foco; mas é colocada a escanteio. Convém perceber também que os assaltantes dispensaram Maria no roubo, e o narrador logo adianta que a única entrega que ela poderia ofertar seria a sacola de fruta, o osso recolhido da festa e uma gorjeta mínima. Sua condição econômica deficitária é sobrelevada mais ainda quando se diz que não havia joias de valor nenhum nos dedos nem nos braços, porém havia, por outro lado, o corte da faca-laser sofrido na casa da patroa. É extremamente desumana a condição a que essa empregada está submetida: seu trajeto não é sequer utilizado para descanso, conforme ela previra anteriormente, pois as forças sociais violentas agem sobre ela até mesmo fora do espaço doméstico.

Ainda nesse trajeto, o que se esperava era que, com o final do assalto, tudo retornasse à normalidade e cada um seguisse o seu fluxo rotineiro. Contudo, o caos que está à espreita dessa mulher não parece ter fim. A tensão intensifica-se mais ainda, desta vez, com a associação que alguns passageiros fizeram ao perceberem que, antes do assalto, Maria conversou com um dos assaltantes e que, durante o roubo, ela foi dispensada por eles. Logo, associaram que ela também estivesse como cúmplice dos ladrões:

Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. [...] Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido*



**01 a 04 de
OUTUBRO**
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

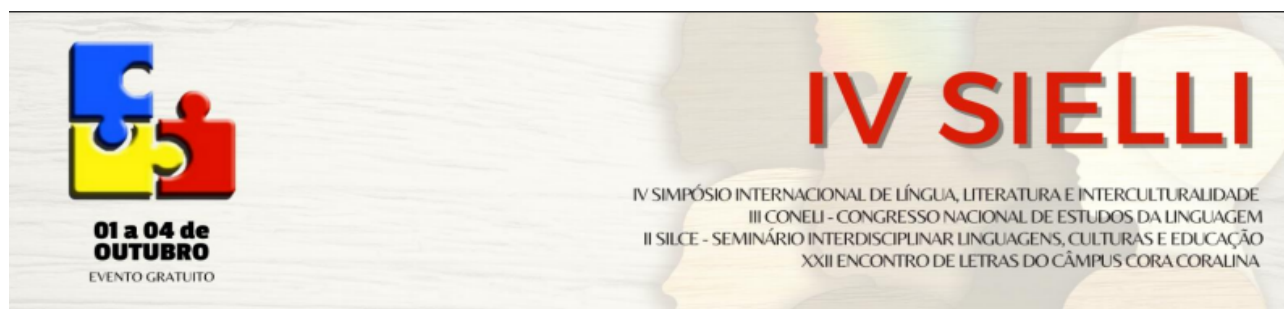
também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. [...] A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!*... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... *Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão? (Evaristo, 2016, p. 41-42, grifo da autora).

Para além do duro trabalho na casa de sua patroa, Maria tem de lidar agora com vozes que a difamam e a violentam tal qual a faca-laser havia feito no dia da festa. Os discursos endereçados à mulher, em sua maioria, são de cunho racista e sexual (puta, negra, safada). A respeito disso, Patricia Hill Collins, em *Pensamento Feminista Negro* (2000), menciona que uma das formas mais comuns de representação negativa é a objetificação da mulher negra. Geralmente retratada de maneira exótica e hiperssexualizada, “a objetificação sexualizada da mulher negra tem uma longa história de representação, sustentando imagens racistas e sexistas” (Collins, 2000, p. 389).

Assim, somando-se ao cansaço extremo do trabalho, inclui-se ainda a presença desses discursos focados em diminuir a identidade feminina dessa personagem, reduzindo-a a características puramente preconceituosas. Nesse panorama, considero pertinente focalizar a escritora e ativista feminina negra Lélia Gonzalez que diz, em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*:

[...] é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (Gonzalez, 1984, p. 231).

Maria é justamente esse retrato da mulher negra à qual Gonzalez faz referência. Ela é a que mais sofre os efeitos trágicos de uma branquitude inconsciente de sua condição de privilégios; é a que sobrevive via serviços que a maltratam todos os dias; é a que também sofre por ser associada a ações que sequer cometeu. Outrossim, esse trajeto da personagem também é marcado pelo forte



sentimento de união da coletividade branca, responsável por agredir, além de verbalmente, também fisicamente essa mulher que desejava chegar a sua casa para poder apenas “[...] dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (Evaristo, 2016, p. 42).

Face às ações dos passageiros praticados contra Maria, lanço alguns questionamentos para reflexão: se Maria fosse uma mulher branca, teriam os passageiros agido da mesma forma? Os passageiros teriam se colocado de forma tão agressiva e violenta se a acusada fosse da cor dos acusadores? A balança que mede a bondade e a justiça é medida por posicionamentos brancos? Michel Foucault, em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1987), informa que há uma dualidade de posicionamento em situações de violências que ocorrem em público. Há uma necessidade de se averiguar aquilo que está à volta, ou seja, torna-se possível trabalhar com pares opostos (julgar ou ser julgado, punir ou ser punido, matar ou morrer, etc).

Com base no pressuposto do filósofo, é possível afirmar que os passageiros julgam, punem e *matam* essa mulher. Houve ainda, é claro, aqueles poucos que se opuseram à violência de forma verbal, mas, na situação em que Maria estava, faltou a consciência crítica de uma coletividade branca, racista e machista. Basta pensarmos que, se a ação fosse diferente, o linchamento não teria ocorrido, assim como o desfecho da história certamente também não seria este: “Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado” (Evaristo, 2016, p. 42).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises, nota-se que o trajeto da empregada doméstica não foi concluído conforme ela esperava. De modo divergente do esperado, seu trajeto fora brutalmente interrompido de forma drástica pela violência racista da branquitude, responsável por decidir quem vive e quem morre até os dias atuais. No conto analisado, o ônibus não configurou como lugar de repouso, uma vez que ela não descansa, mas sofre violentamente e continuamente o peso de estruturas raciais que recaem sobre sua existência negra.

Embora, desta vez, ela esteja longe dos talheres, das facas que cortam, dos possíveis trabalhos de cuidado materno realizados com filhos que não são seus, ainda assim, não escapam da



vivência da empregada doméstica as turbulências enfrentadas, tendo em vista que o caminho traçado por ela não apresenta tranquilidade, tampouco repouso, mas ceifa vidas. Inclusive, não apenas a própria, mas também a daqueles que estão em casa à espera de uma mãe que leve comida – seus filhos. Portanto, a empregada doméstica não está segura nem dentro da casa de suas patroas, muito menos fora dela, conforme o conto nos permite interpretar.

A partir disso, podemos afirmar que o trabalho doméstico assolou a vida de Maria, nome este genérico – usado tanto para definir o título do conto quanto para nomear a personagem – que pode fazer referência a tantas outras *Marias* do mundo que provavelmente se encontram na mesma situação da personagem fictícia. À vista disso, Maria representa, então, um esboço da mulher negra que é ilustrada a partir do pensamento da cientista política francesa Françoise Vergès, em *Um Feminismo decolonial*:

Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, “abrem” a cidade. Elas limpam os espaços de que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. Geralmente, viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite. Um segundo grupo de mulheres racializadas, que compartilha com o primeiro uma intersecção entre classe, raça e gênero, vai às casas da classe média para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e das pessoas idosas para que aquelas que as empregam possam trabalhar, praticar esporte e fazer compras nos lugares que foram limpos pelo primeiro grupo de mulheres racializadas. No momento em que a cidade “abre”, nas grandes metrópoles do mundo, mulheres e homens correm pelas ruas, entram nas academias, salas de yoga ou meditação. Aderindo ao mandato do capitalismo tardio, que exige manter os corpos saudáveis e limpos, essas mulheres e homens, na sequência de seus treinos, tomam um banho, comem uma torrada com abacate e bebem um suco detox antes de prosseguirem com suas atividades. Chega então a hora em que as mulheres negras e racializadas tentam encontrar um lugar no transporte público para seus corpos exauridos. Elas cochilam assim que sentam, seu cansaço é visível para aquelas que querem vê-lo (Vergès, 2020, p. 18-19).

Em última instância, tomo essa citação de Vergès para demonstrar e concluir que a personagem Maria é justamente essa mulher negra, trabalhadora doméstica, que abre a cidade para que os patrões e os senhores possam desfrutar dos privilégios saboreados por tanto tempo. Sem Maria, não haveria a festa na casa de sua patroa; sem ela, não haveria também a comida e a organização local. Tudo isso, obviamente, bastante lucrativo para sua patroa, ao passo que, para a empregada, restaram o cansaço, as violências múltiplas, o trajeto violento e dilacerante, os discursos



racistas, machistas e sexistas e, não menos importante, o corte físico na mão, mas, acima de tudo, o metafórico (na vida).

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betania de Melo. **O tempo de trabalho das empregadas domésticas**: tensões entre dominação/exploração e resistência (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, 2009.

CASTRO, Mary Garcia. Qué se compra y que é se vende en el servicio doméstico? El caso de Bogotá: una revisión crítica. *In*: CHANEY, Elsa M.; CASTRO, Mary Garcia. **Muchachas cachifa criada empleada empregadinha sirvienta y... más nada. Trabajadoras del hogar en América Latina y del Caribe**. Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 1993.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo. 2000.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrivivência. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-150.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrivivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-94.

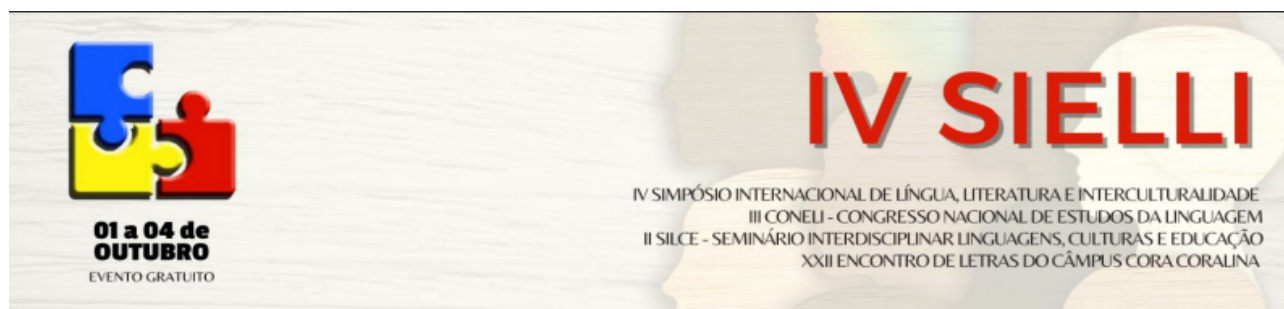
EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Vozes: Petrópolis, 1987.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência, criadas e seus patrões no Rio de Janeiro 1860-1910**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Porta Adentro. Criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930. *In*: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (Orgs.). **Novos olhares**: Mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Fund. Carlos Chagas/ Marco Zero, 1994.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia social do “branco” brasileiro. *IN*: RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SOUZA, Claudenir de. **Mulheres negras contam sua história**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.